



## OS AVANÇOS DO NORDESTE

em prol de uma região forte,  
integrada e competitiva

# Novo ciclo de desenvolvimento

Principal gargalo para um maior crescimento da economia regional é a falta de mão de obra qualificada, segundo palestrantes

» FERNANDA STRICKLAND  
» RAFAELA BOMFIM\*

O seminário CB Debate – Os avanços do Nordeste reuniu, ontem, na sede do **Correio**, representantes do governo federal, lideranças industriais e especialistas para uma discussão sobre o novo ciclo de desenvolvimento. Em comum, os palestrantes do primeiro painel apontaram para um cenário de expansão acelerada na região, sustentado por investimentos públicos e privados, reorganização produtiva e fortalecimento das energias renováveis. Contudo, houve um consenso sobre o obstáculo crítico para o avanço da economia nordestina ainda maior: a falta de mão de obra qualificada.

O secretário de Desenvolvimento Industrial, Inovação, Comércio e Serviços do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), Uallace Moreira, defendeu a continuidade de políticas públicas capazes de enfrentar as desigualdades históricas entre regiões.

“O Sul e o Sudeste não são melhores do que o Norte, o Nordeste ou o Centro-Oeste. As vantagens competitivas de hoje foram construídas a partir de políticas públicas”, afirmou, em discurso no pré-painel. Na avaliação dele, o país só avançará para um modelo sustentável e inclusivo quando encarar de frente a concentração econômica que moldou sua indústria.

O secretário ressaltou que esse é o eixo central da Nova Indústria Brasil (NIB) do Mdic, comandado pelo vice-presidente Geraldo Alckmin. A estratégia integra ações do Novo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e do Plano de Transformação Ecológica, com foco explícito na redução das assimetrias regionais. “Menciono sempre o legado de Celso Furtado. Fortalecer a indústria e equilibrar o desenvolvimento regional são caminhos inseparáveis para o futuro do país”, disse.

Entre as medidas adotadas, ele citou a reformulação da Lei de Informática, a prorrogação do regime automotivo até 2033, o fortalecimento do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Indústria de Semicondutores (Padis), e a criação do Plano Nacional de Datacenters. Ao mesmo tempo, alertou para um risco crescente: a dependência de painéis solares importados e a retração da demanda eólica. “Estamos financiando a desindustrialização com recursos públicos”, criticou. Segundo o

secretário, os data centers e a transição energética precisam estimular a produção nacional, não apenas ampliar importações.

De acordo com o secretário, o edital de industrialização, lançado por Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Banco do Brasil, BNB e Caixa Econômica Federal, teve um resultado positivo: 118 projetos aprovados, somando mais de R\$ 100 bilhões em investimentos potenciais. O montante integra o programa Mais Produção, que prevê R\$ 643 bilhões em crédito para a indústria entre 2023 e 2026.

Moreira ainda elogiou o Consórcio Nordeste e o BNB, considerado “parceiro extremamente importante” para viabilizar a estratégia da pasta na região e reforçou: “O Nordeste não é problema: é solução. É potência industrial, tecnológica e energética. E políticas públicas bem desenhadas podem acelerar esse processo.”

Para o presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), Ricardo Cappelli, “o Nordeste vive um momento singular, marcado pela convergência entre investimentos públicos, reorganização produtiva e liderança na energia renovável”. Segundo ele, “o Nordeste tende a crescer 2,9% este ano, acima da média do Brasil”, mesmo com “uma taxa básica de juros que, na minha opinião, não se sustenta tecnicamente”. Cappelli classificou o cenário macroeconômico como favorável e que “não há fundamentos macroeconômicos” que explique os juros no patamar atual.

O titular da ABDI atribuiu parte desse ritmo de crescimento acima da média da região ao Novo PAC, que “investe mais de R\$ 415 bilhões no Nordeste”, com “mais de 10 mil obras em andamento e 1.600 entregues”. Para Cappelli, trata-se de uma correção de décadas de assimetrias. Ele citou o exemplo da soja do Mato Grosso, que desce para Santos, quando sair por Itaquí reduziria seis dias até Roterdã, um símbolo, ao ver dele, de decisões políticas que comprometeram a eficiência logística do país.

A retomada política industrial pelo atual governo também foi destacada por Cappelli, uma vez que “o Brasil ficou sete anos sem política industrial”, segundo ele. Enquanto isso, Estados Unidos, China e União Europeia lideravam uma onda global de incentivos. De acordo com ele, a NIB reposiciona o Brasil no cenário global e já destinou R\$ 78 bilhões ao Nordeste. Ele também

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



Debatedores destacaram os avanços do Nordeste, que deverá crescer 2,9%, neste ano, acima média do país



**As vantagens competitivas de hoje foram construídas a partir de políticas públicas”**

*Uallace Moreira, secretário de Desenvolvimento Industrial, Inovação, Comércio e Serviços do Mdic*

observou que “um quarto das startups brasileiras está no Nordeste”, sinalizando capacidade de inovação e adensamento produtivo.

### Energia renovável

Com 68% da capacidade de geração renovável do país, o Nordeste tem vantagem estratégica



**O Nordeste vive um momento singular, marcado pela convergência entre investimentos públicos”**

*Ricardo Cappelli, presidente da ABDI*

para atrair indústrias na corrida pela descarbonização, ao ver de Cappelli. Contudo, ele fez um alerta: “Não podemos permitir que a energia vire uma nova commodity.” O presidente da ABDI exemplificou com plantas de hidrogênio verde que utilizam máquinas importadas, montam amônia para exportação e deixam o valor agregado fora



**A mão de obra, realmente, precisa ser avançada e melhorada, porque a escassez existe”**

*Cassiano Pereira, presidente da Fiepb*

do país. Se esse modelo prevalecer, afirmou, “materializa-se aquilo que a ex-presidente Dilma Rousseff chamava de estocar vento e sol”. O dirigente defendeu decisões que priorizem a instalação local de fornecedores e a formação de cadeias completas. Em meio às transformações, ele também abordou as mudanças no mercado de trabalho:

“a renda média vem subindo e muitas pessoas não aceitam salários que eram comuns no passado”. A combinação de ocupações digitais, trabalho autônomo e baixa proteção social, segundo ele, exige novas políticas de qualificação. Relatos de “escassez de trabalhadores” são recorrentes nos setores produtivos. “Não é uma era de mudança, é uma mudança de era”, resumiu.

### Escassez

O presidente da Federação das Indústrias da Paraíba (Fiepb), Cassiano Pereira, reforçou que o crescimento industrial convive com dificuldades para preencher funções básicas. Ele relatou casos de cidades que, mesmo sendo destaque em investimentos, não conseguem contratar profissionais. “A mão de obra, realmente, precisa ser avançada e melhorada, porque a escassez existe”, disse. E ainda reforçou que o grande gargalo na região segue sendo a qualificação: “Tem trabalho, existe demanda”, disse. Para ele, empresas, governos e entidades formadoras precisam atuar juntos para consolidar o desenvolvimento econômico e transformar o atual ciclo de expansão em resultado permanente.

Na avaliação de Pereira, parte desse problema está relacionada ao distanciamento dos jovens do mercado de trabalho, observando que muitos estão “dentro de casa no celular jogando”. Para ele, recuperar o interesse dessa geração pela atividade produtiva é essencial: “não existe trabalho sem empresa precisando evoluir”.

O presidente da Fiepb destacou a importância de cursos técnicos para a qualificação da mão de obra, e, nesse sentido, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) tem um papel importante para melhorar esse quadro. Ele contou que o Nordeste Forte — bloco que reúne federações industriais da região — tem demonstrado capacidade de entrega: “foram apresentados R\$ 128 bilhões e aprovados 113” em projetos enviados ao BNDES.

Ao falar sobre integração setorial, Pereira afirmou que o avanço agrícola decorre diretamente da inovação industrial. “O agro cresceu bastante, porque tem inovação”, disse, defendendo que o país abandone a lógica de rivalidade entre as regiões. “É pelo Nordeste que o Brasil está crescendo”, acrescentou.

**\*Estagiária sob supervisão de Rosana Hessel**

## Motores da inovação

O novo ciclo de desenvolvimento que o Nordeste atravessa vem sendo puxado pela inovação na região, que tem como destaque o Porto Digital, em Recife, assim como iniciativas para a formação de ecossistemas e cadeias produtivas integradas adotadas nos últimos 10 anos, de acordo com o gerente de Comunicação do Sebrae Nacional, Antônio Alonso.

“Uma em cada quatro startups brasileiras é do Nordeste. Isso não é narrativa, é dado concreto”, afirmou. Contudo, também reconheceu que a falta de mão de obra é um dos gargalos para o desenvolvimento da região. “O grande precisa de mão de obra qualificada; o pequeno precisa ser fornecedor. É assim que se cria desenvolvimento territorial”, acrescentou.

O executivo ressaltou que os agricultores familiares têm maior renda por hectare do que grandes produtores rurais e lembrou que a capacidade criativa e colaborativa do Nordeste é enorme, mas pode ser desperdiçada se cair no canto da sereia das soluções fáceis. “A atitude importa, mas não é suficiente. Nenhum voo alto se sustenta só com boa vontade. Não queremos mais voos de galinha, queremos uma transformação real.”

Ao comentar sobre a questão do crédito ao microempreendedor, recordou que, durante a



**Nenhum voo alto se sustenta só com boa vontade”**

*Antônio Alonso, gerente de Comunicação do Sebrae Nacional*

pandemia, a desinformação e a fragilidade social levaram famílias a contrair dívidas que hoje se tornaram difíceis de reverter. “O crédito pode ser remédio ou veneno”, alertou. Ele contou que o Sebrae recomenda, primeiro, o ajuste no fluxo de caixa antes da tomada de empréstimo. Assim, com esse acompanhamento, empreendedores atendidos pelo Sebrae registram 30% menos inadimplência do que a média nacional, um dado que, segundo ele, ainda tem espaço para melhorar. **(FS e RB)**

# “Crescimento não é obra do acaso”

A professora Adriana Amado, titular do Departamento de Economia e da Pós-Graduação da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão da Universidade de Brasília (Face-UnB), fez uma análise histórica e estrutural do desenvolvimento regional brasileiro. Ela fez um diagnóstico direto: o crescimento do Nordeste “não é obra do acaso”, e muito menos resultado de leis naturais do mercado.

A economista resgatou o período de seu doutorado, nos anos 1990, quando estudou a articulação entre desenvolvimento regional e sistema financeiro num ambiente em que políticas públicas eram desmontadas e bancos de desenvolvimento enfrentavam forte descrédito internacional.

“Era um momento pouco propício para defender política pública”, lembrou. Ainda assim, seu trabalho já buscava responder a uma pergunta que, segundo ela, continua atual, porque ainda há dúvidas sobre o que acontece quando o Estado se retira da engrenagem econômica.

De acordo com a acadêmica, essa “engrenagem”, na dinâmica do mercado, tem um resultado previsível quando o Estado não intervém. “As regiões mais adiantadas acumulam ainda mais vantagens, enquanto as que largaram

atrás tendem a aprofundar sua desvantagem”, explicou.

Amado destacou ainda o chamado efeito de vetor na literatura econômica, no qual investimentos em uma região aumentam produtividade e competitividade, gerando um ciclo de reforço. “Quem já está na frente permanece na frente. Quem está atrás, sem mecanismos corretivos, fica ainda mais distante”, comparou. Para a economista, a ideia de que o capital migraria espontaneamente para regiões mais pobres por causa da maior produtividade marginal “tem aderência histórica bastante limitada”.

### Políticas implícitas

A professora destacou que a inflexão observada no Nordeste a partir dos anos 2000 tem relação direta com políticas públicas que, embora não tivessem desenho regional explícito, produziram forte impacto territorial. Ela citou a teoria das “políticas implícitas e explícitas”, amplamente difundida pela economista Tânia Bacelar.

Um exemplo é o Bolsa Família, que “gera demanda simples e local”, com baixo componente importado, fortalecendo economias regionais. Quando articulada a políticas como o apoio à agricultura familiar, o efeito



**Se a política macroeconômica não ajudar, deveria atrapalhar menos. Já seria um começo”**

*Adriana Amado, professora do Departamento de Economia da UnB*

multiplicador é ampliado. “É a transversalidade que potencializa os resultados”, pontuou.

Outro caso citado foi a expansão das universidades federais, que, embora motivada por objetivos de educação e mobilidade

social, resultou na interiorização do desenvolvimento. “As instituições atraem setores tecnologicamente mais avançados e permitem a apropriação de tecnologia, que é algo central para qualquer estratégia de crescimento sustentável.”

Para Amado, pensar desenvolvimento regional exige compreender como estruturas econômicas diferentes interagem. A integração, disse ela, não pode ser tratada como palavra neutra: “Se você integra sem cuidado, reforça divergências.”

Além disso, ressaltou que políticas regionais e setoriais só prosperam se a política macro “colaborar minimamente”. Segundo ela, a combinação de busca de superávits a qualquer custo e juros elevados comprime o espaço fiscal e inibe investimento e inovação. “Se a política macroeconômica não ajudar, deveria atrapalhar menos. Já seria um começo.”

A professora da UnB deixou também um recado central ao debate: o desenvolvimento do Nordeste é resultado de escolhas, e não de automatismos do mercado. Segundo ela, sustentar a trajetória atual exige coordenação, integração de instrumentos e um Estado capaz de agir como contraponto às tendências naturais de divergência econômica. **(FS e RB)**